ANNO 9.º — Sexta-feira, 12 de Maio de 1916 — NUMERO 421

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O caracter de um povo

O caracter de um povo, é o caracter dos seus cidadãos.

Um povo é uma grande sociedade, composta de sociedades mais pequenas, de familias.

A educação de um povo é a educação da familia e a educação desta está no exemplo do seu chefe.

A base de toda a organica social está na educação do povo, isto é, na educação da familia, quer dizer na do cidadão.

A primeira noção da educação do futuro cidadão, o primeiro cuidado, é formar-lhe o caracter, alicersar-lhe bem a formação da honra, do brio, da dignidade, do pudor social.

E' todo este conjunto de virtudes civicas que formam o patriota.

Das sociedades particulares expulsam-se ignominiosamente os que faltam á sua honra, os que abandalham o caracter, os que quebram a sua dignidade, os que não tem brio.

Da propria familia se expulsa o filho, o irmão que prevarica, que conspurca a sua honra, a quem se acusa de falta de caracter.

Se a nação é uma sociedade, e se esta pelos actos dos seus cidadãos, tacitamente aprovados pela colectividade, quer esta colectividade seja um agrupamento particular, quer uma pequena nação, quer um grande imperio, enxovalha os ditames da honra, a humanidade, ferida nos seus principios de honestidade, na rectidão do seu caracter, nos seus brios, emfim, tem o direito de castigar, de submeter, de eliminar do seu gremio aqueles que a escandalisam.

Se o homem individualmente é punido, porque não ha-de sê-lo a colectividade de cujo caracter e sentimentos ele é o reflexo, qualquer que seja a importancia e qualidade dessa colectividade?

O que não póde nem deve consentir-se é o principio degradante e dissolvente de que venha a ausencia de caracter a presidir aos actos dos homens, que seja a vilania a sua lei suprema. O que seriam então a Justiça, o Direito, a Razão, a Equidade?

O que seria a Generosidade, o Altruismo, a Bondade?

Tudo isto se reduziria á formula:

La force prime le droit!!!

a esmagar a consciencia humana como a pata de um cavalo esmaga a tenra herva sobre que assenta as ferraduras.

* *

Pois bem; nós estamos assistindo ao pavoroso espectaculo de uma nação sem caracter, de um povo sem honra que pretende pela violencia e pela força impôr ao mundo o estabelecimento dos principios que lhe formam a alma lamacenta e com que espera preverter a consciencia universal, esmagar a Justiça, torcer o Direito, abafar a Razão, para conseguir fins que, doutra fórma nunca obteria!

Essa nação é a Alemanha.

A Alemanha, sim! Essa grande Alemanha, que ha dois anos se impunha á admiração das nações pelos seus progressos materiais, pela sua elevação intelectual, pelo seu espirito de iniciativa, pela sua tenacidade, acaba de enlamear vilmente o nome de que se orgulhava, de descer ao ultimo degrau da craveira moral, declarando vergonhosamente pela boca dos seus generais que *a Alemanha rasga com a sua espada os compromissos de honra que subscreve com o seu nome!!!*

O que é então a honra? O que é o caracter para esse povo que tão facil e com tão calculada desvergonha nega hoje a palavra de ontem?

O que é o brio, o que é o pudor civil, o que é a dignidade propria, para um povo qua se diz marchar na vanguarda da civilisação, entre o qual as sciencias, as belas letras, as belas artes, todas as causas capazes de fazer vibrar a emotividade e os sentimentos, atingiram o mais elevado grau de perfeição, e que acaba de dar a mais concludente prova da sua indignidade, da perversidade dos seus sentimentos, da vilania da sua educação?

O que é a honestinade na Alemanha?

O que é o pundonor para os alemães?

O que é o Dever num país onde os tratados são farrapos de papel, onde a face não córa quando a boca nega o que a honra afirma, quando a espada rasga o que a penna essreve e onde a mão não treme quando arranca a espada que tão ignominiosamente enlameia e tão despresivelmente avilta?

E' claro que tudo isto que nos outros é a base da educação nacional, que acima de tudo olham a honra, é para a Alemanha uma questão de sentimentalidade moral com que se não absorvem pequenos países, nem se póde saltear-lhes as colonias, ou impôr-lhes fronteiras e tratados só de uso proprio.

Tais ambições só se conseguem fazendo reviver o antigo principio jesuita de que os fins justificam os meios e ela fê-lo reviver para seu uso.

Contra um tal povo, os outros teem o direito de prevenir-se e o dever de suprimí-lo, e a luta já não é só de um contra outro, mas de todos contra aquele que se constituiu voluntariamente uma ameaça constante e perigosa para a paz universal.

Cumpre-nos o dever de tomar parte nessa luta de defeza em que nós somos dos mais directamente ameaçados pelo colosso germanico.

Afastar-nos do gremio dos aliados, é postergar interesses vitais, é comprometer a propria autonomia.

Os aliados vencedores, abandonar-nos-iam como nós os abandonassemos agora; era a ruína.

Vencedora a Alemanha, era a sua sêde insaciavel de rapina imediatamente apagada á custa das nossas colonias de que tantas vezes tem tentado apoderar-se por acordos a que a Inglaterra e a França se teem oposto.

Então o nosso caminho é só um, honrando ainda um compromisso secular de gratidão para com o povo que tantas vezes nos teem ajudado nas nossas lutas de independencia, e por influencia do qual conservamos ainda um vasto imperio ultramarino.

E' ao lado da Inglaterra; é entre os aliados, porque para Portugal os tratados, não são farrapos de papel e a honra é o que não é para a Alemanha.

Humberto Beça
Da Comissão Patriotica do Norte

Films . . .

As garantias

O parlamento, em votação quasi unanime, autorisou, num dos dias da semana finda, o govêrno a suspender as garantias constitucionais nos pontos do territorio da Republica que seja necessario para defêsa desta e assegurar a ordem que porventura possa ser alterada pelos agitadores de profissão.

E' esta uma medida das mais violentas, que só em casos extremos deve ser posta em vigor, mas desde que o govêrno assim o entende, acima de tudo está o prestigio do regimen e a honra de Portugal.

Comemorando

Dizem-nos que o sr. governador civil que, como se sabe, reside em Agueda, vindo apenas tres dias em cada semana estar algumas horas na repartição, convidou telegraficamente os empregados dela a assistirem, no domingo proximo, a um almoço que lhes oferece, comemorativo do 14 de Maio.

Vai ser um grande dia de regosijo para s. ex.ª. Está se a vêr...

Para a guerra

Segundo comunicações telegraficas enviadas aos jornais diários, a Marselha teem ultimamente chegado alguns milhares de russos, notando, porêm, um colega estrangeiro que todos ou quasi todos falam portuguêš...

Não queremos teimas...

O bôdo

A recente creação de novos logares de sub-secretários do Estado dá-nos a impressão de que o país está a nadar em dinheiro. Contudo sucéde exatamente o contrario e não somos só nós que o sabemos: sabe-o toda a gente, e melhor ainda o govêrno, que de nenhum modo devia nesta ocasião sobrecarregar mais o país porque, como disse o deputado independente dr. Alfredo de Magalhães num longo discurso de cerrado ataque ao projecto, ele *representa uma indignidade para o regimen, indo de encontro á economia nacional, atacando a moralidade administrativa.* E proseguindo deu-nos ainda conhecimento o mesmo deputado, que *os coadjutores de ministros não são precisos; o que é necessario é separar as funções politicas das funções administrativas dos ministérios. O projecto vai contra os principios republicanos; e não se compadece que haja ministros com o seu tempo absorvido por suas funções particulares que não possam exercer as dos seus cargos.*

Muito bem, sr. dr. Alfredo de Magalhães, é essa a verdadeira doutrina. Neste momento crear logares que demandam aumento de despêsa chega a ser tão incompreensivel que nem atinâmos como isso se possa tolerar de animo leve.

Verdade seja que se os ministros teem todo o tempo absorvido pelas suas funções particulares, que não lhes deixa exercer as dos seus cargos, tal qualmente como o sr. governador civil de Aveiro, precisam, com efeito, de quem os ajude, de uma ou outra, de quem faça as suas vezes. Mas para isso tambem achâmos forte que se pague em duplicado.

A pesca na ria

Por motivo de fôrça maior não damos hoje a continuação dos artigos que sob este titulo aqui vimos publicando.

Será no proximo numero.

QUIZERAM ASSIM...

A impressão do unico e formidavel escandalo que ha dias proporcionámos aos apreciadores deste genero de espetaculos, não se acaba nem sequer se dissipa tão cedo, no espirito publico, nomeadamente no de quantos tiveram o feliz ensejo de assistir, ouvindo com os seus ouvidos e vendo com os seus olhos, áquele tremedal *sui generis* que concorreu, sem duvida, para imortalisar essa sucia de descarados e de cinicos que com tais predicados supõem iludir os outros, trazendo, para lhe varrer a testada, quem da mesma força moral e pudica se presta a agregar-se á reles *troupe* e que, de certo, hade apreciar mutuamente o caracter dos que o vão chamando para os defender e... conhecer!

As duas cousas sucedem-se simultaneamente. Ele vem defendelos, mas vai-os conhecendo, e avaliando sob os varios e peregrinos aspectos como esses degenerados se apresentam.

Avaliando e aprendendo porque nunca certamente encontrou na sua vida, mesmo em Almeida, freguezes de tão alta escola e... sabedoria!...

De estrela e bêta...

Capitão Lopes Mateus

Deu-nos na sexta-feira ultima o inefavel prazer da sua inesperada visita este brioso oficial do exercito, a quem o dever compeliu a acompanhar uma das recentes expedições á Africa, donde agora regressou, belamente disposto, a encorporar-se no regimento 14 de infanteria, no qual se tem conservado desde a sua promoção.

Lopes Mateus, que conta em Aveiro muitos e dedicados amigos, retirou já para Vizeu, indo despedir-se dele todos quantos souberam da sua partida.

Felicitando-o pelo seu feliz regresso, aqui testemunhâmos ao intrepido militar toda a nossa simpatia e reconhecimento por se não ter esquecido do *Democrata*, que assim regista com intenso jubilo o regresso á metropole do seu antigo colaborador.

PROPAGANDA PATRIOTICA

Foram adiadas á ultima hora as manifestações que estavam preparadas para domingo e ás quais nos referimos numa local inserta na primeira pagina do ultimo numero.

No entretanto vieram do Porto alguns membros da Junta Patriotica do Norte, que efectuaram uma sessão no Teatro Aveirense, presidida pelo sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, que saudou os oradores portuenses em nome do sr. governador civil, a quem a **necessidade urgente de serviço clinico** impedia de ali estar, depois do que deu a palavra aos srs. Abreu Graça, dr. Alfredo Coelho de Magalhães, Alexandre Cordova, academico e Domingos Ribeiro Braga, professor do liceu Rodrigues de Freitas, que se houveram por fórma, principalmente o ultimo, a arrancar vivos aplausos do seio da assistencia.

Todos falaram sobre a nossa participação no grande incendio que se ateiou na Europa, rematando o sr. presidente a série dos discursos com um viva á Patria, calorosamente correspondido.

A ausencia do sr. governador civil por **necessidade urgente de serviço clinico** foi muito comentada, não se falando durante o resto da tarde noutra coisa que não fosse na **necessidade urgente do serviço clinico** de s. ex.ª, que o traz constantemente afastado da repartição a ponto de, por muito favor, só cá aparecer tres vezes em cada semana com bilhete de ida e volta... para Agueda.

Ah! que se a Republica um dia chega a ser proclamada, acabam todas as imoralidades...

"A VIDA NOVA„

O presadissimo confrade que, com o titulo da epigrafe, se publíca em Viana do Castelo sob a inteligente direcção de Pimenta Barbosa, honrou-nos, no seu numero distribuido no dia 3, com a seguinte referencia:

O Democrata — Este nosso brilhante colega, superiormente dirigido pelo nosso presado amigo sr. Arnaldo Ribeiro, foi ha dias julgado e condenado por verberar energicamente as imoralidades que se veem consentindo neste regimen. Era de esperar, desde que os vicios do passado ficaram inveterados em certos homens que continuam a ter preponderancia e influencia por culpa tão sómente dos marechais da Republica.

Ao Arnaldo Ribeiro significâmos toda a nossa consideração, felicitando-o por tão brilhantemente ter defendido a Verdade, o Direito, a Justiça e a Moralidade.

Agradecendo as confortantes palavras do ilustre colégа vianense, que só um espirito elevado, como o do seu director, poderia ditar nesta época de corrupção, que tudo avassala, aqui lhe testemunhâmos o mais profundo reconhecimento, arquivando-as como seguro penhor de amistosa e inquebrantavel camaradagem.

JUNTA GERAL

Deve reunir ámanhã, na sua sala das sessões do edificio do governo civil, pelas 13 horas, a Junta Geral deste distrito em conformidade com o disposto no artigo 42.º do novo Codigo Administrativo, e á qual serão presentes as contas gerais relativas ao ano civil de 1915, como compete á comissão executiva.

Abuso de autoridade

Acaba de ser posta em juizo uma acção contra o administrador do concelho, a quem o sr. Aristides de Figueiredo acusa de ter exorbitado das suas funções por ocasião dos sucessos ocorridos em Eixo, onde o sr. Francisco da Encarnação tambem se fez conduzir com o seu estado maior, para que sem motivo que tal justificasse.

Se foi como o caso da Costa do Valado...

O "Distrito,,

Garantimos e tornamos a garantir ao *Distrito* que os artigos aqui publicados sobre a pesca na ria, assim como aquele epigrafado — *O' politica!* —não são da penna do sr. Capitão do porto, que sempre assina quanto aqui nos tem dado a honra de publicar.

Se esta garantia, invertendo os termos, nos fosse feita pelo *Distrito*, aceita-la-iamos sem restrições nem duvidas, porque não suporiamos capazes de falsear a verdade dos factos, nem nos virem dizer uma cousa por outra, pessoas que considerâmos, jornalistas sérios e honestos. Não nos faz essa justiça o *Distrito* e bem cabe então lembrar o adagio que *a moral da acção pertence a quem a pratica.*

Independente, porêm, disso, prometemos as provas concludentes do que afirmâmos. Digne-se alguem do *Distrito* honrar-nos com a sua presença e elas ser-lhe-hão dadas, com o testemunho, até, de pessoas insuspeitas e que não serão postas em duvida por ninguem do *Distrito*.

Não faltâmos ao que prometemos.

Posto isto, os argumentos citados pelo jornal evolucionista para justificar as suspeições a proposito da paternidade dos mesmos artigos chegam a ser... infantis para se lhe não dar outra classificação.

Porque o autor dos artigos que com tanta proficiencia está tratando o assunto de fórma a não gostar absolutamente nada do caso o *Distrito*, ironicamente fére a nota de que até o proprio *Pae dos Pobres* regulamentou, proibindo a devastação selvatica da ria, conclue peregrinamente o *Distrito*, para não empregar outro adverbio ainda que mais adequado, que os artigos são do sr. Capitão do porto!

E não pódem deixar de ser, especialmente porque o mesmo sr. Capitão do porto manda comprar alguns exemplares deste jornal, que remete para Lisboa a diferentes repartições.

Qualquer pessoa concluiria que tal facto demonstra que o sr. Capitão do porto, enviando esses exemplares, pretende apenas levar ao conhecimento das instancias superiores que ha alguem que, com critério, segurança e desapaixonadamente, coloca onde deve a questão, tratando-a com conhecimento, com boa fé e desinteresse a fávor dos interessados e em respeito á lei.

Qualquer pessoa facilmente assim concluiria; mas o *Distrito* não, porque os peiores cégos são aqueles que não querem vêr...

Pois continue o *Distrito* na sua voluntaria cegueira que não pretendemos fazer prevalecer a verdade no espirito de quantos obstinada e propositadamente a não querem reconhecer.

O *Distrito* só pretende encher colunas de palavras ôcas e iludir os que imaginam que é assim, com tal sistema, que se hade resolver a questão da pesca e adoçar qualquer aspereza da lei. Engana-se até mesmo com a falsa e ilusoria esperança de que á dentro de uma clara situação evolucionista possa vir um ministro da marinha, seja ele quem fôr, que sem a mais leve objecção e observancia, arraze tudo quanto autorisados elementos da sua classe estudaram, resolveram e assentaram, só porque os sábios do *Distrito* lhe piscaram o olho e escreveram um bilhetinho a pedir... *botirões!*

Engana-se e o tempo lhe dirá se a profecia sái certa.

Teatro Aveirense

Na Tabacaria Reis, aos Arcos, acaba de abrir-se a assinatura para duas magnificas récitas que nos dias 6 e 7 do proximo mez, aqui vem dar a Companhia do Teatro do Ginasio, de Lisboa.

Escusado é falar do valor da excelente Companhia, para que aos nossos estimaveis leitores agrade tão boa nova, mas do que não podemos deixar de falar, é das peças escolhidas, tres originais portuguêses de todo o merecimento.

Uma delas é a festejada e linda peça **Soror Mariana** que *Julio Dantas* tão belamente conseguiu trazer para o teatro. Romance de amor, empolgante e enternecedor como outro não ha, alcançará entre nós, sem duvida, o mesmo entusiasmo com que o publico lisboeta o acolheu.

Nessa mesma noite subirá á scena a engraçadissima comedia de *Chagas Roquête* **O senhor roubado,** o maior exito da temporada, fabrica de gargalhada, sem pornografia, e que em Lisboa atingiu 100 representações, o que equivale a dizer, o publico a consagrou.

Finalmente teremos a interessante comedia de *Gervasio Lobato* **Em boa hora o digas,** uma das mais antigas e das melhores comedias do Ginasio.

Não podia, portanto, ser mais feliz a escolha das peças, sendo de esperar que o nosso teatro tenha duas colossais enchentes.

Aconselhâmos os nossos leitores a que não demorem a marcação dos lugares, pois se no dia 22 do corrente não houver casa que garanta as despezas, a Companhia não virá.

O DEVER

Com este titulo publicou o nosso colega *Republica:*

«Foi com a maior satisfação e com o mais legitimo orgulho que ontem lemos no *Mundo* a informação de que quatro dos filhos do sr. presidente da Republica, maiores de 20 anos, aguardam a todo o momento a ordem do ministerio da guerra que deve chamá-los ao serviço nos regimentos, onde servirão tal qual como todos os outros soldados, sem privilegios nem distinções de nenhuma ordem, não expressas nas leis nem nos regulamentos. Dois deles são já professores, Antonio e Miguel Machado, e outros dois estudantes ainda, Bernardino e Domingos Machado. Assim, quando entrarem no serviço militar, serão incorporados ao lado de todos os outros e juntos com todos os outros.

Tambem lemos no *Mundo*, contestando um infame boato corrente de que o filho mais velho do snr. Afonso Costa seguira para o estrangeiro dias antes da publicação do decreto que proibia a saida de Portugal aos cidadãos em idade militar, que o sr. Sebastião Costa, precisamente esse filho do sr. ministro das finanças e ilustre chefe do partido democratico, e que já tem perto de 21 anos, está já recenseado e fará a sua incorporação militar ainda no corrente mês de maio, ao lado de todos os outros filhos do povo e nas mesmas condições que eles, a fim de, como eles, prestar á Patria os serviços que ela lhe reclamar neste soléne momento que decorre. Cumpre frizar ainda que o sr. Sebastião Costa era estudante na Politecnica de Zurich, na Suissa, e que a lei, portanto, lhe facultava a isenção do serviço no exercito durante seis anos. O moço estudante já havia declarado que, embora não fosse chamado, se apresentaria voluntariamente para ser alistado devidamente, e seu pai resolveu que ele não voltasse para a Suissa, pois que a Patria poderia carecer dum momento para o outro do seu concurso. Todos estes factos, na sua singela narrativa, são tão eloquentes que qualquer encomio que se lhes fizesse os prejudicaria na sua tão limpida nobreza, chegando mesmo a parecer uma desastrada impertinencia. Basta apontá-los para exemplo a hesitantes e para lição a caluniadores. Na Republica a lei é igual para todos. E, assim, desde o mais alto representante do Estado ao mais humilde dos cidadãos, a dóse do sacrificio na hora tremenda, será por igual partilhada e sofrida. O dever é tambem para todos igual; pois que todos por igual o cumpram, como se prestam a cumpri-lo os mais altos cidadãos da Republica.»

E ávante!

Um quadro de miseria

Recebemos a seguinte carta:

Meu amigo Arnaldo Ribeiro

Ha uns dias a esta data que se vem desenrolando muito perto de nós, uma das scenas mais compungentes que póde imaginar-se!

Ali, na Rua dos Tavares, precisamente no coração da cidade, uma pobre mulher que dá pelo nome de Feliciana, está sendo a protogonista do drama mais comovedor que os meus olhos teem presenciado.

Estirada numa enxerga descuidada, num compartimento em estilhaços da casa que outr'ora foi sua, tar-cos em nojento desalinho, a pobre Feliciana estorce-se numa agonia cruel, cheia de miseria, cheia de porcaria e cheia de fóme!

Não tem ninguem á sua beira, ninguem que lhe suavise uma dôr, ninguem, absolutamente ninguem, que ampare a infeliz creatura na quéda a que, indubitavelmente, a morte a vai sujeitar.

Absolutamente ninguem?

Não. Faria injustiça a alguem que a desóras lhe tem morto a fóme. Mas esse alguem não basta.

E' um quadro triste, acredite, Arnaldo.

Quando presente os passos de alguem que na rua passa, ela, estorcendo-se em convulsões de dôr, solta uns roucos gritos que ferem e retalham a alma do ente mais crú: *Tenho fóme! Deem-me um bocado de pão!*

Foi assim, ao som destes gritos lancinantes, que ontem o meu espirito foi acordado.

Pude então, num momento, descobrir no escuro da sua espelunca a pobre vitima da desdita que jazia no estado que já descrevi.

Isto é um facto. Isto é verdadeiro.

Colhendo rapidos pormenores, soube que aquele espectaculo já é conhecido de muita gente, e com esta informação mais se magoou o meu sentimento, pois parece impossivel que não se tenham tomado providencias para afastar para longe dos nossos olhos e para logar conveniente, essa desventurada, tão digna de comiseração.

A pobre Feliciana trabalhou enquanto poude. Foi bôa mulher? Foi má mulher? Não sei nem preciso sabe-lo.

O que sei é que é um sêr vivo que deve estar sujeito aos reparos da caridade humana e ás providencias da autoridade.

Não se póde admitir que morra assim ao abandono no mundo, quem se acha, de subito, pela sua edade, pela sua doença e pela sua desventura, completamente impossibilitada de angariar os meios de viver. Para estes ha os hospitaes; e eu faço inteira justiça em acreditar que o digno Provedor da Santa Casa não teve ainda conhecimento deste facto, pois de contrario, já teria desaparecido dos nossos olhos a scena da infeliz Feliciana.

Creia-me

Seu amigo, etc.

Aveiro, 10—5.º—1916.

M. Moreira

Fazendo nossas as palavras do sinatario desta carta confiâmos plenamente que, ao ter dela conhecimento, a autoridade não demorará um instante sequer em tomar todas as providencias tendentes a minorar a sorte da pobre Feliciana.

E' um dever de humanidade que se impõe, um acto de justiça que se reclama.

Será preciso outra recomendação?

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

ATRÁVEZ DO BRAZIL

Um hino á nossa Patria

que empolga milhares de portuguêses

Foi ha dias prestado a um brazileiro ilustre, o escritor Pinto da Rocha, com residencia no Rio de Janeiro, eloquente testemunho de quanta consideração inspira ao povo lusitano, pelo valor da sua acção na propaganda patriotica que a colonia portuguêsa vem realizando, atingindo as homenagens que esta lhe dedicou no Teatro Carlos Gomes excepcional brilhantismo, como poucas vezes se tem visto em festas de naturêsa identica.

O dr. Pinto da Rocha, visivelmente comovido—dizem os jornais—correspondeu ás saudações dos portuguêses, produzindo o eloquentissimo discurso, que vai ficar tambem arquivado nas colunas do *Democrata* como uma peça oratoria de primeira grandêsa e para a qual ousâmos chamar a atenção dos nossos leitores certos de que não perderão o seu tempo, lendo essa maravilha.

Disse o distinto brazileiro:

Meus senhores

«Rendo-me á vossa gentileza extrema, ao carinho da vossa afeição, á maganimidade dos vossos sentimentos, trazendo este testemunho de amizade ao mais obscuro dos vossos irmãos e amigos. O meu agradecimento, fôsse qual fôsse a sua celsitude, ficaria e ficará sempre muito áquem e muito abaixo da elevação da vossa homenagem.

A minha modestia humilde e rasteira não póde justificar tão alta e régia recompensa ás palavras leais que o meu coração inspirou em louvôr da vossa patria.

Nada me deveis; muito mais devo eu á terra em que estudei e fui sempre feliz.

Devo-lhe o sangue que me corre nas veias, a vida que me anima, a familia que me cerca e a suave tendencia da minh'alma para perdoar as injustiças e esquecer as injurias.

Exaltaes demasiadamente as minhas palavras: nem eu poderia ter outras nesta hora de anciedade, quando a Sérvia e a Bélgica destruídas e conquistadas sofrem esse destino, porque, como a vossa patria, não consideram os tratados frangalhos de papel sem valôr; porque a vossa patria, como as vitimas da fôrça tem da lealdade e da honra o alto conceito que só as almas honradas pódem conceber.

A vossa alma é tão grande, é tamanha a intensidade do vosso patriotismo que, como as lentes dum telescópio, aumentam prodigiosamente as imagens sôbre as quais se fixam e por isso me dais agora proporções que não tenho.

Sucede comigo em relação a Portugal um facto vulgarissimo, que a canção popular dos campos portuguêses explica perfeitamente.

A alma poetica daquêle pôvo sonhadôr e meigo, cujo sômno é acalentado pelo marulhar das ondas, pela corgente dos rios e pelo murmurio das fontes, canta, pela voz dos trovadôres, ás cachopas das aldeias nos desafios das esfolhadas, entre outras, de uma poesia encantadôra, esta quadra que é um primôr, uma joia, um tesouro:

«Costumei tanto os meus olhos
a namorarem os teus
que de tanto confundi-los
nem já sei quaes são os meus.»

Eu posso bem dizer sem erro, sem ofensa e sem blasfemia para o patriotismo brazileiro, que

Costumei-me tanto a amar
minha patria e a de meus pais
que de tanto amar a ambas
nem já sei qual quero mais.

Se meu pai é português
minha mãe é brasileira
de modo que a minha vida
nem cá nem lá é estrangeira.

Morreram cá minhas filhas,
nasceram lá meus avós,
vivo por isso apertado
nos laços desses dois nós.

Anda por isso a minha alma
qual naveta dos teares
entre o berço e a sepultura
tecendo por sob os mares

Todo o dia e toda a noite
desde a minha mocidade
o burel da minha vida
renda da minha saudade.

Vinte anos consecutivos respirei o ar da vossa terra, comi o pão do vosso trigo, aprendi nas vossas escolas, senti comvosco as mesmas dôres, comvosco sorri nas mesmas alegrias, as mesmas indignações sacudiram os nossos nervos, vibrou juntamente com a vossa a minha alma nos dias das grandes datas da vossa historia soberba, comunguei a hostia da vossa religião, brinquei nas vossas aldeias, dormi nos vossos lares, palmilhei os vossos campos, banhei-me nos vossos rios, ouvi os descantes dos vossos troveiros, os sinos das vossas capelas agrestes, a gargalhada zombeteira dos melros, o lirismo inegualavel, merencorio, dôce, sugestivo e inesquecivel dos rouxinois; fui companheiro dos vossos poetas mais notaveis, ouvi as confidencias de Antonio Nobre, as primicias gentis de Eugenio de Castro e a delicadeza subtil de Luiz Osorio; os vossos mestres foram os meus mestres.

Com Camões aprendi a amar a patria; com Vieira aprendi a amar o idioma; com Teofilo Braga aprendi a amar a Republica; com José Estevam admirei a eloquencia; com Almeida Garret conheci o astro lusitano; com o Duque de Saldanha conheci a gloria militar; e quando a minha inteligencia buscou um rumo scientifico para se orientar na vida do direito—foi Dias Ferreira quem me guiou os passos na Universidade de Coimbra.

E, no meio daquela paisagem que é a sintese portuguêsa das maravilhas do paraíso, bebi a poesia que ainda hoje, de vez em quando, me povôa os sonhos de uma vida que começa a descambar para a velhice, quando outra desponta, como aurora nova, do meu coração para o futuro.

Ouvia as eclogas do rio poeta entre os salgueiros das margens e ouvia na catedra a prodigiosa eloquencia de Antonio Candido e no pulpito a divina garganta de Alves Mendes, aquele como Euclides na Agora ateniense, este como S. Gregorio Nazareno, prégando torrentes de fecundia contra os arianos de Constantinopla.

Quando o meu espirito quiz investigar as origens historicas, foi Alexandre Herculano, alma estoica de Sparta em organismo de Wisigodo, quem me ensinou a cultuar a verdade sem desamar a legenda, que é a dôce inspiração da tradição.

Quando a minha mocidade pretendeu conhecer, curiosa e ávida, a psicologia da vossa raça no bucolismo simples e ingenuo das aldeias do Douro, do Minho, das Beiras e Trás-os-Montes, foi a mão serena e bôa, foi a alma bonissima e meiga de Julio Diniz que me colocou entre as *Pupilas do Senhor Reitor*, a *Morgadinha dos Canaviaes* e os *Fidalgos da Casa Mourisca*, para aprender o amor á portuguêsa, o amor que canta nas mondas, nas vindimas, nas espadeladas, na apanha da azeitona, nos milharais, nos moínhos á beira de agua, nos lagares quando o vinho é mosto e nas lareiras quando estalam as castanhas nos magustos, quando o inverno começa a soluçar nos pinheiros os gemidos duma tristeza que ha-de ser, de aí a pouco, em vez de negra como a noite, branca de neve como paz do ceu e da consciencia.

Terra de tais encantos, se não é encantada, deve necessariamente encantar.

Jardim da Europa, á beira-mar plantado—lhe chamou Tomaz Ribeiro;

Terra—*onde a terra se acaba e o mar começa*, como lhe chamou Camões;

Terra que dá pão como tantas outras, mas unica terra do mundo que dá saudade, como disse Fialho de Almeida;

Terra florida, como a cantou João de Barros;

Meu país de eterno outono, como a baptizou Teixeira de Paschoaes;

Terra de prodigios e de esplendida beleza, como a denominou João Penha;

Terra *em que o vento é perfumado e fresco e a primavera em flôr eternamente existe*, como a sonhou Antonio Feijó;

Terra *em que o homem e o cedro e o lirio branco são filhos a quem dás de mamar no teu seio eternamente bom e eternamente cheio*, como a celebrou Junqueiro;

Terra *onde até os sinos parece que cantam, soluçam e choram, quando alguem nasce, padece ou morre*, como conta Trindade Coelho;

Terra em que *os castanheiros grandes e concentrados, ouvem subir a seiva*, como ensina Eça de Queiroz;

Terra que um dia *respondeu á Cruz: eu sou a natureza*, como filosofou Antero do Quental;

Terra *em que ao romper de alva o cravo abrindo á rosa enviou o aroma*, como poetou João de Deus;

Terra em que

as ermidas mansas como cordeiros
abrigam-se nas copas dos sobreiros

como tão lindamente a definiu Queiroz Ribeiro;

Terra *de Marinheiros*
O meu país das nãos, de esquadras e de frotas!
de lanchas dos poveiros
a saírem a barra entre ondas e gaivotas!...

como tambem a pintou a alma triste, sensitiva e limpida de Antonio Nobre;

Terra sobre a qual,

O mundo oriental
choveu riquezas e perfumes,
fóros de mil sultões e joias de mil lumes!

como a exaltou Lopes de Mendonça;

Terra que é
cemitério de heroes, cripta onde dormem os despojos mortaes dos reis que foram

senhores dos mares e das terras, como a celebrou Alexandre Herculano;

Terra que é *trono de vicejante primavera, cujo nome sôa eterno nos hinos enramados de imorredôras flôres*, como a pintou Garret nas estrofes do seu poema heroico;

Terra que ha novecentos anos eras apenas uma aspiração de Afonso Henriques; terra que ha tresentos anos eras a dominadora dos mares e dos mundos; terra de marujos e pilotos, que obrigaram o papa a dividir o mundo em dois hemisférios, para que os segredos do mar não pertencessem tão sómente a Portugal; terra que ha seculo e meio produziste Pombal, o maior estadista da Europa; terra que andaste semeando o bem por mares nunca dantes navegados e que terias ido a outros mundos se mais mundos houvéra; terra da minha mocidade florida, terra de canções e beijos, nesta hora formidavel de ferro e fogo, desta riba do Atlantico onde ha vinte e quatro milhões de almas que anceiam pela tua gloria, vinte e quatro milhões de corações que palpitam pelo teu triunfo, eu te envio na aza flebil das virações o beijo da minha saudade, o soluço da minha ancia, e as lagrimas do meu afecto.

Da união incondicional dos teus filhos, dos teus irmãos e dos teus amigos depende o teu destino.

Na hora do perigo, em que o incendio sinistra e ameaça a casa paterna, cometeria o mais barbaro dos crimes o filho que fôsse impôr á mãe que o gerou, que lhe deu vida do seu sangue e leite dos seus seios, uma condição qualquer para correr em seu socorro.

Se os irmãos lhe fecharem as portas, arrombe-as, entre pelas telhas, lance-se ás chamas, lacere as suas carnes nas lanças e nas espadas, mas não exija da velhinha santa, que treme, que chora, que soluça na ancia do perigo, que ela, tremula e senil, lho abra as portas.

A amnistia deu-a a todos os portuguêses o gesto brutal e feroz da Alemanha, erguendo a ameaça da sua colera sobre os tesouros da Batalha e dos Jeronimos, sobre a grandeza de uma soberania que tem nove seculos de existencia, de honra, de gloria, de triunfo, de nobreza, de bravura, de galhardia, em uma historia que é uma epopeia, e numa epopeia que é a biblia dum povo e duma raça.

Vós sois no continente europeu e no resto do mundo 14 provincias da vossa soberania nacional e uma grande nação irmã da vossa raça, do vosso sangue, da vossa amisade.

No Algarve, olhando a Africa, dominando o Atlantico, tendes o promontorio de Sagres, berço de um mundo novo e altar de uma crença robusta onde celebrou a primeira missa da vossa grandeza o *talent de bien faire* do infante D. Henrique Se esse altar fôr exiguo, lá está na grandeza magestosa do Bussaco aquele outro sagrado pelo sangue das pugnas soberbas; em qualquer deles podeis e deveis agora entoar o *Te-Deum* da vossa gloria. Podeis montar a guarda de honra com os vultos legendarios da legião de Berezina, com os triunfadores de Aljubarrota, com os vencedores de Almoster e da Asseiceira.

Para o sacrificio da missa nova, o Minho e o Douro darão o vinho, o Alemtejo dará o trigo para a hostia, as Beiras darão os paramentos do altar com os tecidos das suas fabricas de lãs das suas ovelhas; Traz-os-Montes contribuirá com os dragões da sua cavalaria para defesa do templo; a Extremadura fornecerá as cota-malhas da sua metalurgia aos novos templarios; Açores e Madeira vigiarão no meio do Oceano, sentinelas avançadas, a marcha do inimigo; a Africa resurgirá a figura épica de Mousinho para vingar Naulila; a India erguerá do tumulo o vulto gigante de Afonso de Albuquerque para que se não venha a perder o que ele ganhou; Macau evocará a inspiração de Camões despertando os écos da sua gruta, e a alma lusitana, erguida nesse impeto de bravura, ha-de ouvir desta margem do oceano onde Cabral veio fixar a haste do pendão das quinas, o clamor estridulo das apoteoses em que se misturam as gargantas brazileiras e portuguezas nas mesmas aclamações á vitoria do vélho e querido Portugal.

Juntem-se neste momento doloroso, na mesma haste, as duas bandeiras portuguezas: a azul e branca e a verde e vermelha, e Portugal, integrado num só pensamento, não precisará de amnistia para que se faça dentro das suas fronteiras a aliança e a federação das almas e surja dessa união, nobremente feita, honradamente realisada, gloriosamente sagrada pelo clamor do sangue, pela grandeza da patria, uma aurora nova, em que os irmãos, comungando ao lado da velha mãe revigorada pelo fumo das batalhas, se abracem á sombra de um palio que é formado das bençãos de todas as mães, numa liturgía de beijos.

E então ha-de vêr o inimigo e ha-de vêr a terra:

«... qual é mais excelente
se ser do mundo rei, se de tal gente.»

Notas mundanas

Com uma galante filha do sr. João Rodrigues Vieira, a menina Maria da Conceição Rodrigues, uniu-se no sábado pelos laços do matrimonio o nosso conterraneo e amigo, sr. Augusto Duarte dos Reis, ha mezes chegado de Africa.

Com os nossos parabens desejâmos aos noivos todas as felicidades de que são dignos.

=Na freguezia da Oliveirinha realisou se tambem no dia 4 o consorcio da sr.ª D. Maria Dias dos Santos Ferreira, simpatica filha da sr.ª D. Rosa Ferreira Dias, viuva do malogrado professor, sr. Julio Dias, com o guarda livros da fabrica de ceramica das Quintans, sr. Aldobrando Pessoa Leitão.

Paraninfaram a irmã da noiva, sr.ª D. Idalinda Dias dos Santos Ferreira e o nosso amigo sr. Duarte Tavares Lebre, um dos societarios do importante estabelecimento fabril.

Apetecemos ao ditoso par um interminavel lua de mel.

=Recebeu o nome de Izabel Augusta de Brito Tavares Pinto a filhinha recem-nascida do sr. Amadeu Tavares Pinto, digno empregado dos correios e telegrafos, no Porto.

Mil venturas.

=Faz depois de ámanhã 3 anos a menina Dolores Mendes Agra, interessante filha do estimado ilhavense, sr. Antonio da Rocha Agra, digno comandante nautico no Amazonas e de sua esposa Marucas Mendes Agra, a quem endereçâmos antecipados parabens.

=Estivéram ontem em Aveiro os srs. Antonio Gomes Corrêa Junior, de Cezár, acompanhado de seu sobrinho, e dr. Manuel Joaquim Tavares da Costa, presidente do senado municipal de Oliveira de Azemeis.

=Agravaram-se ultimamente os padecimentos da sr.ª D. Ema Coelho, irmã do sr. João Coelho.

O GIL A MANOBRAR...

—(*)—

Depois dum merecido repouso, volta este reverendo, por si, ou por interposta pessoa, ás suas habituaes manigancias.

Assim, no ultimo n.º do *Districto de Aveiro*, numa local habilidosa, vem uma curta, mas peçonhenta, verrina contra o atual regedor de Esgueira, pedindo nem mais nem menos que a sua demissão por êle não consentir que o referido Gil acompanhe, revestido do traje eclesiastico, enterros nas ruas daquela freguezia!

O que nos admira é que, havendo na redacção do colêga quem bem conheça as artes e manhas do padre Gil, se deixassem *enloilar* ao ponto de darem publicidade aos desabafos viperinos do dito padre, ou dos seus amigos e aliados...

O regedor de Esgueira, como de facto proíbiu, ao Gil que acompanhasse, como padre, enterros nas ruas daquela freguezia, fe-lo ao abrigo do art.º 57 da Lei da Separação, que para isso lhe dá poderes, e no intuito de evitar os tumultos a que a comparencia, nesses actos, do referido padre estava dando origem.

Com efeito, mal visto, por justos motivos, pela grande maioria daquela freguezia, onde só conta, como amigos e aliados, um certo grupo de velhos monarquicos e de clericaes, a sua presença em actos do culto externo, dava motivo a desordens, que chegaram ao ponto de terem o seu epilogo no tribunal desta comarca.

Bem sabemos que tudo quanto seja coibir as manobras do padre Gil desagrada, em extremo, aos amigos e aliados do mesmo Gil, alguns dos quaes, para vêr se levavam por deante os seus intentos e, especialmente, para vêr se conseguiam espezinhar os dedicados republicanos democraticos daquela freguezia, tivéram, não ha ainda muitos mezes, a ideia de aderir a esse partido, a troco de lhes ser dado, a eles mais ao seu Gil, o predominio local!

Os nossos leitores devem ainda lembrar-se do caso, que, por diversos numeros, foi o assunto principal do *Democrata*...

O Gil, velho inimigo da Republica e das suas Leis, em especial da da Separação, contra as quaes moveu sempre surda, mas obstinada, campanha; creatura ardendo em odios contra quanto lhe cheire a republicano; persistente infractor das mesmas leis, pelo que já foi castigado com tres mezes de expulsão e pelo que tinha em aberto novo processo, que a ultima amnistia mandou trancar—o Gil, apelando, desta vez, para a *união sagrada*, volta a deitar os bracinhos de fóra...

E não se contentam com menos, êle e a sua gente. Querem a demissão do atual regedor, cidadão bemquisto de toda a freguezia de Esgueira, com exclusão, já se vê, do Gil e adeptos, aos quaes só agradam, por analogias moraes, creaturas do calibre de certos que nós sabemos...

E isto em nome da *união sagrada!*

Como se a *união sagrada*, em vez de ser um nobre movimento de reconciliação de homens dignos, e de todos os partidos, em torno da bandeira da Patria, fôsse uma *mistela* indecente de patriotas e de traidores, de bandidos que anceiam pelo triunfo da Alemanha, na esperança de que ela, a troco das colonias portuguezas, lhes restabeleça a torpe monarquia dos *adeantamentos*, e de verdadeiros portuguezes que, pelo triunfo da Patria e da Republica, pela manutenção da integridade do seu territorio sagrado, estão prontos a todos os sacrificios!

Que triste ideia fazem certas pessoas da *união sagrada!* Uma causa nobre nunca foi bem servida por traidores á Patria, por caracteres podres, que levam o seu facciosismo politico ao ponto de o sobreporem ao ideal da independencia nacional.

Gente dessa especie, o que deve é ser sempre bem vigiada e nunca acreditada, mesmo quando se finge arrependida e contrita. Tem na massa do sangue a traição, a duplicidade, a intriga, o germen de todas as infamias e são incapazes de regeneração.

A *união sagrada* não os abrange. Só serviriam para a macular. Vigilancia e a perspectiva duma expulsão é o procedimento a haver com eles...

VISITA

Segundo vimos em dois jornais da terra, esteve entre nós, o robusto deputado, representante do circulo de Oliveira de Azemeis, sr. Barbosa de Magalhães.

Velho costume daquele ilustre homem publico: a fim de evitar as estrondosas manifestações que sempre aqui lhe são dispensadas, procura, modestamente, evita-las, dando-nos de surpreza a honra da sua visita para que a cidade com ela se não alvoroce e sáia dos seus limites...

Desta vez veio s. ex.ª assistir, como padrinho, ao batisado que se realisou na igreja de S. Gonçalo duma filha do seu dedicado e *desinteressadissimo* amigo, dr. Nordeste, encarregado do registo civil em Vagos.

Realisada a ceremonia e apagadas as lampadas acêsas em Méca e em Medina, s. ex.ª partiu para Lisboa. Foi-se.

O milho

Por causa deste cereal de primeira necessidade, cuja falta no mercado se está tornando cada vez mais sensivel,

tudo para conseguir que algumas dezenas de medidas viessem abastecer o mercado de Aveiro, quando afinal lá ninguem se opunha a isso desde que fossem respeitadas primeiramente as necessidades dos habitantes da localidade.

Bastava apenas que o bom senso não fosse uma palavra vã...

Á CARGA

A *Razão*, com a cortezia que tem seja para quem fôr—muito agradecemos a amabilidade—escreve um amontoado de palavras que encimou—*Respondendo*—e que afinal será tudo menos uma resposta ou até mesmo uma simples explicação ao que pretende... explicar.

Repiza *A Razão* no seu artiguinho os seguintes termos: *luta de paixões, paixões sectaristas, odios, resentimentos pessoaes, interesses de segundos* e por aí adeante, quanto julgou conveniente, deixando vêr que escreveu sob uma impressão que, todavia, pretende abafar, mas que transparece claramente.

A' independencia da nossa atitude, á franqueza do nosso protesto e ao desabafo, á luz do dia, da nossa revolta contra essa vergonha que aí se mantem há mezes, brigando da maneira mais flagrante com a moralidade dum partido e com a essencia dum principio, como seja o sr. Francisco da Encarnação estar desempenhando ao mesmo tempo quatro logares publicos e embolsando os correspondentes proventos, chama a *Razão*, encapotada e infelizmente—*luta de paixões, odios e resentimentos pessoais!*

Dóe-nos—com franqueza o confessamos—dóe-nos que façam publicamente estas afirmações aqueles que se dizem leais republicanos, defensores estrenuos da moralidade de principios, fundando um jornal para a integra defêsa da moralidade e da justiça!

E porque nós apontâmos uma ilegalidade, que é uma afronta, porque citâmos um facto, que é um escandalo, porque denunciamos um abuso, que é uma vergonha, um republicano, que escreve num jornal republicano, vem dizer-nos que somos sectaristas, que revivemos odios e resentimentos méramente pessoais!!!

Não temos—bem alto o declaramos—nenhum odio nem nenhum resentimento contra o sr. Francisco da Encarnação!

E porque o haviamos de ter?...

As suas qualidades de cidadão não as desmerecemos nem as discutimos. O que discutimos é que com a pessoa do sr. Encarnação se esteja dando, politica e moralmente, um escandalo, que dura e gravemente ofende os bons principios de moralidade, esfaqueiando a execução dum programa que se jurou ao povo que representaria, feita a Republica, uma nova época de respeito, de morigeração e de bons costumes!

E contudo está a exceder-se o que nunca se fez nos periodos mais imoraes e escandalosos da monarquia.

Não temos tempo para mais considerações, que nos merece a infeliz observação da *Razão*.

Mas não as terminaremos por agora sem perguntar áquele jornal, que a tudo chama *odios, questões pessoais, não combatendo só pelo gosto de combater, sómente aceitando reptos leais em empenhos nobres, lutando só pela sã verdade*, sem perguntar, repetimos, se lhe não merece o caso presente consideração bastante para ser discutido, sob qualquer pretexto, e se afinal na discussão do seu jornal na discussão do mais rudimentar principio de moralidade e de justiça ele precisa de tão melindrosas e especialissimas ponderações.

Sim, perguntâmos: que veiu a este mundo fazer *A Razão* e para que anda espalhando á bôca cheia palavras retumbantes de bons principios, mas fugindo desleal e subservientemente, á discussão dos factos que os ferem indigna e vergonhosamente?

Para isto melhor seria, como até agora, não perder a ocasião de estar calada.

Ao menos o silencio indicaria uma coerencia.

E já não era máu...

Orquestra-filarmonica de Aveiro

Realisa-se na terça-feira, 16, dia de feriado no concelho de Aveiro, o segundo concerto deste apreciavel nucleo musical, cujo programa está sendo organisado com as melhores peças do seu vasto reportorio.

Oxalá o publico corresponda aos esforços dos executantes, que nós já tivemos ocasião de ouvir, aplaudindo-os com justiça.

UNICO!

Nesta hora soléne e gràve que para todos tem alguma cousa de desconhecida, hora augusta e de doloroso anceio, o sr. governador civil, representante do govêrno e cidadão português, abandona o seu logar e lembra que o desculpem porque os afazeres da sua clinica particular o não deixam, embora que em momento tão dificil, vir cumprir o seu indeclinavel dever de colocar-se no seu devido posto numa sessão patriotica para a qual se convidou o povo sem excepção de ninguem.

Quando se apela para o patriotismo, para a sentimentalidade de todos os cidadãos, o sr. governador civil ausenta-se e desconsidera da fórma mais indelicada a Junta Patriotica do Norte que, fiel ao seu programa, mandava os seus representantes estarem presentes á hora aprasada!

Mas o sr. governador civil não desconsiderou sómente, no domingo, a Junta Patriotica do Norte na pessoa dos seus oradores: desconsiderou o povo desta cidade a quem Sua Ex.ª voltou as costas.

O sr. governador civil comprometeu grosseira e anti-politicamente o govêrno, o sr. ministro do Interior de quem é imediato representante!

Nunca tal sucedeu nem mesmo na época de maior desmoralisação no passado regimen.

A autoridade superior do distrito, vivendo muitas vezes fóra desta cidade, aqui vinha, contudo, todos os dias, nunca faltando

então sempre que circunstancias especiais exigiam a sua presença.

O que se passou domingo é um cumulo de indiferentismo e de abandono, chamemos-lhe assim, para que alguem o não classifique de ignorancia ou propositada afronta áqueles que consideram o sr. governador civil absolutamente incompatível com a nitida compreensão do desempenho do seu alto cargo.

O facto, porêm, que se deu não póde passar sem magoado reparo de todos os republicanos excepção daqueles que só quizéram a Republica para se locupletarem com a retribuição de logares que só justificam os tantos escudos com que mensalmente se abotoam!

Traineira

Chegou ontem a esta cidade o primeiro barco a vapor destinado à pesca no mar alto.

Foi-lhe dado o nome de *Alcatraz* e pertence a uma sociedade ultimamente constituida por conterraneos nossos.

Quem será?...

«Vimo-lo pela vez primeira, de passagem, quando, em uma sala contigua ao gabinete do chefe superior do distrito, aguardavamos a chegada dêste a quem desejávamos cumprimentar, como nosso antigo companheiro nas lides escolares.

— Quem é?—perguntei a um amigo que me acompanhava.

— O dr. N...—respondeu-nos.

Passado mais de um ano, vimo-lo novamente em Vagos, na ocasião em que era investido num cargo que vem exercendo com toda a elevação e proficiencia, vendo-se tambem a sua banca de advogado cercada de grande numero de clientes.

Como politico, é um dos elementos mais valiosos do partido democratico neste concelho, aonde conta verdadeiras dedicações e muitas simpatias que se estendem por outros concelhos do distrito, nomeadamente no de Aveiro, e Estarreja.

Possuindo um poder de argumentação cerrada, viva e intensa, é um combatente de prodigiosa resistencia; pois dificilmente será vencido, em face ainda do seu temperamento, cuja nervosidade, em dados momentos mais excita os impetos da sua extraordinaria verbosidade, especialmente quando em defeza de uma pessoa que lhe seja devotada.

....

E, em ultimo retoque deste *relance*, diremos ainda que o ilustre funcionario e advogado tem apenas um defeito—é ser leal e sincero em demasia, pois de sentir é que a sua abnegação, que é primorosa, e demais predicados que lhe emolduram a inteligencia e o caracter—nem sempre sejam apreciados com a merecida justiça, tanto mais que o seu prestigio moral e politico não poderá ser facilmente imitado.

Sabemos que vamos melindrar a sua modéstia, que é flagrante; mas a sua bondade — crêmo-lo firmemente—relevar-nos-ha mais este grande atrevimento.

Não é verdade, meu caro doutor?»

Quem será este semi-deus, este portento, esta maravilhosa creatura que tem todas as qualidades e mais uma: a de ser misterioso e desconhecido?...

Chega a ser um crime que se guarde assim tal silencio, evitando que o mundo inteiro conheça o fenomeno e lhe renda a devida homenagem, não em azulejo em qualquer telhado duma estação de caminho de ferro, mas elevando-o até onde devem estar os privilegiados como aquele a que o *Concelho de Vagos* alude.

Não póde ser, não póde ser!

Ha-de saber-se quem seja e para isso vamos empenhar o nossos esforços.

Um homem só com um defeito... que representa uma virtude!

A perfectibilidade personificada!!

Ha-de saber-se quem é, custe o que custar...

Administrador de Azemeis

—(*)—

O nosso coléga *O Radical*, que se publíca na pitoresca vila de Oliveira de Azemeis, dá-nos no seu numero de sábado a seguinte noticia:

«Apresentou-se hoje aqui, inesperadamente, o cidadão Carlos da Silva Ribeiro, de Aveiro, sendo portador dum alvará do sr. governador civil nomeando-o administrador deste concelho.

Tal nomeação era ignorada, e por isso causou certa estranheza.

Parece que estamos a entrar no regimen dos administradores aos dias, e isso, francamente, não nos satisfaz nem nos póde servir.

O sr. governador civil que nos mande um homem para *ficar*, mas que seja um bom republicano, e, tambem, homem justo e honesto, com os necessarios requisitos para o desempenho de tal logar.

E' isto o que pedem ao sr. governador civil os sincéros republicanos desta terra.

Reune aquelas qualidades o cidadão Carlos da Silva Ribeiro? Se assim fôr, que *fique*.»

E' inacreditavel, mas temos de curvar-nos á evidencia dos factos. O sr. Carlos da Silva Ribeiro está administrador do concelho! Andou no Porto a estudar nas Belas Artes para administrador dum concelho! E o sr. governador civil manda-o para Oliveira de Azemeis praticar como se mais não merecesse, pela sua importancia, esse belo rincão do nosso distrito, como se mais não merecessem os republicanos que querem um homem, e não um rapaz, *com os necessarios requesitos para o desempenho de tal logar*, coisa que o sr. Carlos Ribeiro não possue, perdoenos a franqueza, tão distanciado está das normas indispensaveis para um cargo de tanta responsabilidade acrescida ainda com aquela que provém da gravidade do momento. Não, sr. governador civil: V. Ex.ª receitando uma pilula dessas ao concelho de Oliveira de Azemeis mostra que continua a ter pelas funções que neste distrito ainda exerce o mais absoluto despreso.

Triste, profundamente triste!

* * *

A' ultima hora informamnos que o sr. Carlos Ribeiro teve o bom senso de apresentar ao sr. governador civil a sua demissão, retirando de Oliveira de Azemeis nas mesmas condições em que lá se apresentou, isto é, inesperadamente.

Necrologia

Com 103 anos de idade, faleceu, faz hoje oito dias, a sr.ª Maria do Carmo Moreira, que até á derradeira hora conservou inalteravel a lucidez do seu espirito.

Era daqui natural tendo, porêm, vivido largos anos na freguesia da Oliveirinha.

Junta Geral do Districto de Aveiro

ANUNCIO

A Comissão Executiva da Junta Geral do Districto de Aveiro, faz publico que, em cumprimento do disposto no artigo 71 do novo Codigo Administrativo, vão ser apresentadas á Junta Geral na sua proxima reunião ordinaria de 13 de Maio do corrente, as contas geraes relativas ao ano civil de 1915, ficando, segundo o disposto no citado artigo, patentes ao publico durante 8 dias.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Maria da Cunha Marques da Costa.

ARREMATAÇÃO

NO dia 28 do corrente, pelas 10 horas da manhã, serão arrematados na Caixa Económica de Aveiro os objectos que se acham empenhados na mesma Caixa, abaixo designados:

N.os	OBJECTOS	Avaliação
2634	Dois pingentes e brinco	2$50
3800	Volta, medalha, dois aneis e alfinete	24$50
5010	Dois aneis e alfinete	4$00
5921	Volta, medalha e anel	6$75
6727	Quatro botões de punho	7$20
8988	Medalha e cruz	1$85
10051	Cordão	15$00
11123	Medalha e tres breloques	3$00
11585	Cordão	17$20
12935	Cordão	25$75
13748	Volta e medalha.	10$00
13778	Uma volta, medalha, estrela, pulseira e breloques, dois brincos e anel	21$20
14142	Medalha, dois aneis e duas meias libras	12$50
14228	Anel	$90
14229	Anel	1$00
15026	Cordão e duas medalhas	34$50
15901	Cinco botões, breloque, dois alfinetes e anel.	11$95
16584	Dois brincos, cordão e crucifixo	24$50
17606	Cordão	12$85
17950	Medalha	6$50
18572	Tres aneis e moeda de 5$000 réis	6$25
18573	Dois aneis e dois brincos	4$75
18631	Dois broches	3$15
19190	Um brinco	$55
19401	Dôze colheres de chá	3$30
19217	Cordão	11$20
19607	Medalha	2$75
20166	Anel, dois botões e alfinete	6$50
10536	Dois pingentes e moeda de 5$000 réis	7$50
16643	Alfinete com brilhantes	55$00
16616	Anel e alfinete com brilhantes	80$00
17490	Cordão e treze obrigações do emprestimo de 3 p. c. de 1905	152$00
13135	Dez obrigações da Companhia dos Caminhos de Ferro Norte e Leste, de 500 francos cada, 3 p. c., 2.º grau	400$00

Caixa Económica de Aveiro, 12 de maio de 1916.

O gerente,

Francisco Augusto da Fonseca Regala

Direcção das Obras Publicas

DO

DISTRITO DE AVEIRO

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

Estrada de serviço da Feira para a estação do mesmo nome

FAZ-SE publico que no dia 30 de maio corrente, pelas 11 horas, na secretaría da administração do concelho da Feira, perante a comissão presidida pelo respectivo administrador do concelho, se recebem propostas em carta fechada, para a execução duma empreitada de terraplenagens, obras d'arte, muro de espera e obras acessorias entre perfis *l* e *e*, ultima tangente de curva, na extensão de 733m,15.

Base de licitação......... 3:293$00
Deposito provisorio..... 82$33

Os desenhos, medições e condições especiais da arrematação estão patentes na secretaría da Direcção em Aveiro, e na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis, desde as 10 até ás 16 horas.

As guias para efectuar os depositos provisorios são passadas na secretaría da Direcção, em Aveiro, ou na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, até ás 15 heras do dia anterior ao da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 °|o do preço da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, 4 de maio de 1916.

O conductor chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira